

## Cooperativismo de crédito consolida protagonismo na transformação do sistema financeiro do país



A eleição do cooperativismo de crédito para a presidência do Conselho de Administração da Associação Open Finance marca um dos movimentos institucionais mais relevantes do setor nos últimos anos. Ao assumir a liderança do principal órgão de governança do Open Finance no Brasil pelas próximas 20 semanas, o cooperativismo deixa definitivamente a posição de participante técnico para ocupar o papel de articulador estratégico da inovação financeira no país.

A partir de agora, a presidência do Conselho passa a ser exercida por Márcio Alexandre de Macedo Rodrigues, superintendente de Arquitetura e Governança de TI do Sicoob, que representa o cooperativismo financeiro no colegiado por meio do Sistema OCB. Já a vice-presidência será ocupada pela Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços, representada por Gustavo Cappi, executivo do Itaú Unibanco, reforçando o caráter multissetorial e plural da governança do Open Finance.

*“A presidência do Conselho representa o reconhecimento da relevância do cooperativismo no Sistema Financeiro Nacional e de sua contribuição contínua para a construção de um sistema financeiro mais inclusivo, equilibrado e orientado aos interesses dos clientes”,* Márcio Alexandre de Macedo Rodrigues, superintendente de Arquitetura e Governança de TI do Sicoob, que representa o cooperativismo financeiro no colegiado por meio do Sistema OCB

Na prática, assumir a presidência do Conselho de Administração da Associação Open Finance significa coordenar agendas, liderar discussões estratégicas e construir consensos técnicos entre bancos, cooperativas, fintechs e demais instituições participantes do ecossistema. Segundo Márcio Alexandre, trata-se de uma posição que amplia não apenas a visibilidade, mas também a responsabilidade institucional do cooperativismo. *“A presidência não é apenas um cargo simbólico. Ela amplia a capacidade de diálogo qualificado com reguladores, especialmente com o Banco Central, e fortalece a presença do cooperativismo nas interações com bancos tradicionais, fintechs e outros players do sistema financeiro. É uma posição que exige equilíbrio, visão sistêmica e compromisso com a evolução responsável do mercado”,* afirma.

### Do Open Banking ao Open Finance: maturidade institucional

Desde sua implementação, iniciada em 2021, o Open Finance foi concebido com um modelo de governança multissetorial,

reunindo bancos, cooperativas, fintechs e demais instituições autorizadas a operar no Sistema Financeiro Nacional. Nesse processo, vale destacar que o cooperativismo de crédito sempre teve participação ativa, defendendo que o desenho regulatório contemplasse a diversidade de modelos de negócio existentes no país. *“O cooperativismo sempre se destacou pela atuação colaborativa e por assegurar que suas particularidades fossem consideradas na construção dos produtos do Open Finance brasileiro. A criação da Associação Open Finance e do Conselho de Administração representa um amadurecimento institucional importante para todo o ecossistema”*, avalia Márcio Alexandre.

No entanto, outro ponto relevante é que a lógica do Open Finance encontra forte convergência com os princípios do cooperativismo, especialmente no que se refere à participação democrática, à transparência e ao foco no usuário. Assim como ocorre nas cooperativas de crédito, onde os cooperados participam das decisões estratégicas, o modelo de governança do Open Finance busca equilibrar a representação e evitar concentrações excessivas de poder decisório. *“O Open Finance empodera o cliente ao permitir que ele decida, de forma consciente, com quem deseja compartilhar seus dados, por quanto tempo e para qual finalidade. Isso está alinhado ao modelo cooperativo, no qual o cooperado é sócio da instituição e não apenas um cliente”*, explica Márcio Alexandre.

O que vem por aí: governança, experiência do usuário e portabilidade de crédito são

metas da nova gestão

Entre as prioridades estabelecidas para o período de presidência do cooperativismo estão o fortalecimento contínuo da governança, a evolução sustentável do ecossistema e a melhoria da experiência do usuário. Um dos principais destaques é a implantação da portabilidade de crédito via Open Finance, prevista ainda para o primeiro semestre de 2026. *“Isso vai ser um divisor de águas. Ela permite que o cliente utilize seu histórico financeiro para negociar melhores condições entre diferentes instituições, estimulando a concorrência e ampliando a liberdade de escolha”*, afirma Márcio Alexandre.

Outro impacto estrutural do Open Finance está relacionado à inclusão financeira. Ao reduzir a assimetria de informações, o modelo cria condições para ampliar o acesso a crédito e a produtos personalizados, especialmente em regiões menos atendidas pelo sistema bancário tradicional. Para o presidente, *“os sistemas cooperativos conhecem profundamente seus clientes e conseguem oferecer soluções alinhadas à sua realidade financeira. O Open Finance potencializa essa vocação e cria um ambiente mais equilibrado e competitivo.”*

No entanto, ao assumir a presidência do Conselho de Administração da Associação Open Finance, o cooperativismo de crédito vai além e envia uma mensagem clara ao mercado financeiro, aos reguladores e à sociedade: o setor atingiu um elevado grau de maturidade institucional e capacidade técnica para liderar processos complexos de transformação do sistema financeiro

brasileiro. “Essa conquista demonstra que o cooperativismo está preparado para atuar em ambientes altamente regulados e tecnologicamente sofisticados, com compromisso com inovação responsável, concorrência saudável e geração de valor para a sociedade”, conclui Márcio Alexandre.

### O que é o Open Finance Brasil

O Open Finance Brasil é um sistema regulamentado pelo Banco Central que permite o compartilhamento de dados e serviços financeiros entre instituições, sempre mediante consentimento do cliente. O modelo é uma evolução do Open Banking e abrange não apenas dados de contas e crédito, mas também produtos como cartões, investimentos, seguros, previdência, câmbio e serviços de pagamento.

Considerado um dos sistemas mais avançados do mundo, o Open Finance brasileiro se destaca pelos padrões elevados de segurança cibernética, proteção de dados e pela centralidade do usuário, que pode autorizar, limitar ou revogar o compartilhamento de suas informações a qualquer momento.

### Portabilidade de crédito via Open Finance: o que muda

Com a portabilidade de crédito integrada ao Open Finance, o cliente poderá:

- » Autorizar o compartilhamento de seu histórico financeiro;
- » Comparar propostas de crédito entre diferentes instituições;

- » Negociar taxas, prazos e condições de forma mais transparente;
- » Reduzir custos financeiros ao longo do tempo.

### Por que a presidência do Open Finance é estratégica

- » Coordena as agendas estratégicas do ecossistema;
- » Conduz debates técnicos entre diferentes segmentos do mercado;
- » Atua como interlocutor qualificado junto ao Banco Central;
- » Ajuda a definir prioridades de evolução do Open Finance;
- » Garante equilíbrio entre inovação, concorrência e proteção ao usuário.

**Formação Internacional**  
**CHINA**  
Programa de Gestão Executiva

A oportunidade de conhecer a gigante nº 1 em cooperativismo e inovação do Oriente.

**Inscrições Abertas**

Missão dividida em 2 partes:

Etapa Online: Julho  
Etapa Presencial: Setembro

Acesse: [www.rj.coop](http://www.rj.coop)

Sistema OCB/RJ | somoscoop

## Tendências 2026: o fim da comunicação vazia



A comunicação enfrenta um novo desafio em 2026: manter relevância em um ambiente de excesso de informação. A multiplicação de canais, a velocidade das interações e o aumento da exposição pública elevam o nível de exigência sobre o que as organizações dizem e, principalmente, sobre o que entregam.

Na matéria de capa da edição 128 da Revista MundoCoop, reunimos dez tendências que ajudam a interpretar esse cenário, com o objetivo de explorar, de forma individual, os impactos práticos para lideranças e organizações.

Na quinta tendência, o debate se concentra na transformação da comunicação, que deixa de ser apenas um instrumento de visibilidade e passa a ocupar um papel estratégico na construção de reputação, confiança e coerência institucional.

### Tendência 5: O fim da comunicação vazia

Em 2026, mensagens genéricas e excessivamente promocionais perdem espaço para posicionamentos claros e consistentes. A comunicação deixa de operar apenas como canal de divulgação e passa a integrar a gestão das organizações, conectando narrativa, cultura e estratégia de negócio.

Nesse contexto, não basta comunicar mais. A prioridade passa a ser comunicar melhor, com precisão, relevância e alinhamento entre discurso e prática.

**Thayse Leonardi**, Especialista em Comunicação e Posicionamento Estratégico de Porta-vozes:

*Nos últimos anos, a forma como as marcas se relacionam com seus públicos passou por mudanças profundas. A comunicação deixou de ser controlada exclusivamente pelas organizações e passou a ser influenciada por múltiplos atores, em diferentes plataformas e em tempo real.*

*Esse movimento desloca o foco da construção da “mensagem perfeita” para a consistência ao longo do tempo. A reputação passa a ser resultado da soma de experiências individuais que ganham visibilidade coletiva, o que amplia o nível de exposição e reduz a margem para incoerências.*

*Ao mesmo tempo, o público assume um papel mais ativo nesse processo. Deixa de ser receptor passivo e passa a participar da construção das narrativas, com expectativas distintas em cada ponto de contato. Nesse cenário, a padronização da comunicação perde eficácia e pode gerar distanciamento.*

*Diante dessa complexidade, o desafio das organizações passa a ser a relevância. Estar presente em todos os canais deixa de ser prioridade. O foco se desloca para a capacidade de construir diálogo, gerar identificação e sustentar posicionamentos consistentes.*

*O papel do porta-voz ganha centralidade nesse processo. Executivos mais preparados e alinhados ao posicionamento institucional contribuem para fortalecer a confiança e a proximidade com os públicos. No entanto, esse movimento só se sustenta quando o discurso externo reflete práticas internas coerentes.*

*A comunicação, portanto, deixa de operar como ferramenta de convencimento e passa a atuar como expressão daquilo que a organização efetivamente é. Em um ambiente mais transparente e conectado, a confiança não se constrói por declarações, mas pela consistência entre discurso, comportamento e decisão.*